

"Eu cresci em apartamento, para mim a rua só servia para caminhar até o ponto de ônibus, até o médico, ao mercado, ao shopping. Ela era sempre o meio, nunca o fim. Eu morava em um condomínio, desses populares, na rua João Bettega - mão dupla, poucos semáforos e calçada estreita.

Para não dizer que minha infância foi vivida da janela do terceiro andar, eu costumava brincar 'lá embaixo'. Um asfalto cobria o condomínio de ponta a ponta, ligando os prédios, os parquinhos (areia, balanço, escorregador, gira-gira) e as garagens. Uma infância padrão em uma cidade modelo."

CIDADE AOS PEDAÇOS

BRUNO VIEIRA



# CIDADE AOS PEDAÇOS

BRUNO VIEIRA

# CIDADE AOS PEDAÇOS

BRUNO VIERA

treze crônicas e três ensaios  
para narrar uma Curitiba  
que se despedaça

Diagramação e capa: Rafael de Andrade  
Fotografias: Rafael de Andrade (páginas 24, 42, 48, 64, 70, 74, 78, 82, 86 e 90), imagens retiradas do Creative Commons (páginas 28, 32 e 36) e do Google Earth (página 64).  
Orientação: José Carlos Fernandes

Trabalho de Conclusão de Curso para a  
Universidade Federal do Paraná.

Autor: Bruno Vieira

“A crônica está sempre ajudando  
a estabelecer ou restabelecer a  
dimensão das coisas e das pessoas.  
Em lugar de oferecer um cenário  
excelso, numa revoada de adjetivos  
e períodos candentes, pega o  
miúdo e mostra nele uma grandeza,  
uma beleza ou uma singularidade  
insuspeitadas”

Antonio Candido,  
em A Vida ao Rés-do-chão.



Um abraço à Galeano por  
mostrar a magia que se esconde  
nos pequenos momentos



# Sumário

9 A cidade e seus fragmentos

13 Narrar a cidade

24 Sob a chuva, sobre a chuva

28 Província da vina

32 Coletânea

36 Felis curitibanus

42 Dia útil

48 Cidade sobre rodas

53 Medo e delírio em Curitiba

64 Aqui de perto

70 Sócrates

74 E agora Elias?

78 Na janela

82 Prediã

86 Morte anunciada

90 Para o santo

95 Sopa eslava



## **A cidade e seus fragmentos**

O tamanho de uma cidade não é definido pelo número de bairros que possui ou por sua extensão. O tamanho dela depende do sujeito que a enxerga.

Ao se debruçar sobre a sua Curitiba - o pronome possessivo é necessário nessa relação cidade-homem -, o jornalista Bruno Vieira descobre que interior e metrópole muitas vezes se confundem, para a alegria do cronista.

Curitiba é cidadezinha ou é enorme? Há mais de dois anos afastado da convivência diária com essa senhora de personalidade ambígua, eu diria que ela tem a escala ideal para quem aceita o desafio de narrá-la. Nem tão grande que o escritor falhe ao tentar decifrar seus códigos, nem tão pequena que os assuntos e personagens se esgotem facilmente.

Nessa busca, parece impossível não falar sobre chuva, vinhas e calçadão. Como manda a cartilha, esses temas estão presentes em Curitiba aos pedaços. Mas Vieira vai além em sua investigação e apresenta elementos de um espaço urbano fragmentado. O sistema de transporte público pela visão de quem o utiliza, a insegurança das ruas e a realidade da mais famosa favela: isso também integra as próximas páginas.

Na cidade onde os moradores reclamam do clima e ao mesmo tempo se orgulham dele, as contradições do herege e sacro Largo da Ordem parecem se expandir e tomar conta da vida local. O município que alguns ambicionam transformar em República ainda pena para preservar seus melhores pontos de convívio social e, portanto, da coisa pública.

Talvez a melhor forma de lidar com esses descompassos seja recorrer às letras, jornalísticas e literárias. Divertir-se com Curitiba, a fria, antológica crônica de Fernando Pessoa Ferreira, não torna ninguém menos curitibano. Pelo contrário.

Se para viver bem é necessário rir de si mesmo, para se entregar a uma cidade é preciso que o amor venha acompanhado de um certo deboche. Só assim será possível se livrar de discursos oficiais e ultrapassados nesta enorme tarefa que é interpretar um lugar em constante mutação.

O livro que você tem em mãos pode ser lido tanto na Confeitaria das Famílias quanto na Praça de Bolso do Ciclista. Acompanhado de uma pizza da Lanches Itália ou de uma cerveja na Trajano Reis.

As crônicas e ensaios a seguir estabelecem uma ponte entre um conjunto de tradições cultivadas há décadas pelos moradores e pedaços menos visíveis da cidade. O mosaico formado a

partir do encontro do passado romântico com o presente realista não é uma figura fechada. Curitiba vive e resiste nos seus fragmentos.

Daniel Castro  
Jornalista



## **Narrar a cidade**

Esse livro é uma tentativa de narrar Curitiba. De buscar pequenos momentos que possam mostrar que tipo de cidade a capital paranaense é hoje e se – de fato – ainda é possível narrá-la. Para narrar é preciso entender. É um princípio básico de qualquer processo criativo, ou processo de escrita. Como seria possível escrever sobre alguma coisa sem entendê-la? Não é. As páginas que seguem representam esse primeiro momento, um esforço de compreensão. Elas são a discussão que fundamenta todo o resto do livro que você tem em mãos.

A cidade é um grande organismo, um mecanismo no qual todas as pequenas engrenagens são essenciais para o funcionamento do todo. Pequenas “disfunções” podem resultar tanto em problemas estruturais como em soluções surpreendentes e novas formas de se locomover, ocupar e viver esse espaço. Os que pensam a cidade e tomam como objetivo resolvê-la, organizá-la, praticam uma forma de reflexologia urbana. Há situações em que, para resolver uma dor no pescoço é preciso massagear um ponto lá no joelho do indivíduo. Com a cidade é a mesma coisa. Às vezes a resolução de um problema específico não é óbvia, e pode

vir dos lugares mais inesperados – ou ter desdobramentos que não estavam previstos. Ela é o lar de todos os problemas, mas também de todas as soluções.

A cidade é aquilo que as pessoas fazem dela. Se não há lugares para as pessoas viverem e ocuparem, não há cidade, não há nada. Esse é o princípio do conceito de experiência urbana do qual fala o francês Olivier Mongin, uma natureza que toda cidade “saudável” teoricamente compartilha. O autor estabelece que a cidade é uma mistura de físico e mental. Ela é o espaço palpável no qual as pessoas habitam, vivem e transitam, mas também é uma ideia, um conceito. Até o século XIX não se pensava nos espaços públicos das cidades. Para o lado de lá da porta de casa não havia nada a se fazer, era mero espaço de circulação – sempre um meio, nunca um fim. A casa, o espaço privado, era a base de tudo. A moradia dos burgueses funcionava como um útero seguro, no qual estavam a salvo das guerras, revoluções e pragas. É com a chegada da modernidade e os novos planos urbanos que, por acaso, na tentativa de melhorar os fluxos acabam surgindo esses espaços de encontro na malha urbana que os cidadãos podem ocupar livremente. É o caso do barão de Haussmann e o planejamento que faz para Paris. A princípio ele pensava em projetar grandes avenidas e passagens de

maneira a impedir que as ruas fossem barricadas – preocupação diretamente relacionada à Revolução Francesa – mas acaba criando esses espaços de encontro. A partir desse momento a rua passa a ter um sentido para existir. A ampliação das calçadas cria a possibilidade do passeio. As pessoas passam a sair de casa simplesmente para sair, frequentar os cafés e outros espaços que vão surgindo no qual se forma e acontece a vida pública.

Nesses espaços cria-se um movimento de tensão e dialética entre os diferentes tipos de indivíduos que habitam a cidade, entre o público e o privado. Essa tensão entre polos opostos e o encontro com o inesperado, com o diferente, é o que caracteriza a cidade como passamos a conhecê-la, é o que define a experiência urbana. Para sumarizar, a experiência urbana seria a possibilidade de viver a cidade de maneira espontânea, de pertencer e construir uma identidade com esse meio. A cidade que garante a existência da experiência urbana seria, sim, uma cidade urbanizada mas acima de tudo uma cidade orgânica. Uma cidade que não é pensada dentro de uma lógica de trajetos possíveis e pré-planejados e que de certa forma privam as pessoas de se perderem na malha urbana. É o oposto da cidade-museu. É a cidade que possibilita a vida pública, mas que também garante a existência da vida privada,

que separa de maneira saudável uma da outra. É a urbe que incentiva a ocupação natural de espaços, que não se deixa dominar pela obsessão em facilitar os fluxos, na qual o valor de uso é mais importante que o valor de troca.

Com os processos de globalização, essa característica que seria o pilar de sustentação da cidade, acaba se perdendo. Na tentativa de maquiar a urbe e pensá-la para o mercado, para a experiência global, o processo de fragmentação dessa experiência urbana ganha força – processo muito explorado por Mongin. Mas mesmo esse processo não acontece de maneira homogênea ao redor do globo. Nestor García Canclini, localiza algumas especificidades na maneira como as cidades latino-americanas passam por essa fragmentação. Um dos aspectos mais marcantes é o do crescimento informal, um crescimento que extrapola o planejamento. Por um lado ele representa uma espontaneidade na forma de se viver a cidade – tanto há os que defendem esse fenômeno. Por outro, ele é sintomático de uma ausência do poder público como assegurador de uma cidade que abarque todos os seus moradores, como assegurador de uma vida digna. A informalidade, representada tanto em assentamentos irregulares como nos empregos extraoficiais (vide os camelôs e outros vendedores de rua), é diretamente relacionada a uma

necessidade de sobrevivência. É uma tentativa de estabelecer uma relação de pertencimento com um ambiente urbano que parece hostil.

O vínculo entre cidadão e cidade se perde nesse vácuo que se forma onde o poder público deveria estar. A relação de identidade e pertencimento se perde com o crescimento da violência – como constata a argentina Beatriz Sarlo –, quando o governo não pode oferecer segurança e uma vida digna, a noção de identidade se perde. O medo é o grande fator que contribui para essa desintegração da experiência urbana. É esse sentimento que contribui para o surgimento dos não-lugares, espaços a-históricos, nos quais não há a possibilidade dessa relação de pertença. São os lugares voltados especialmente ao fluxo e ao consumo – nessa conta entram os condomínios fechados, shoppings e estações de metrô, por exemplo. O medo, a violência e o crescimento informal são típicos do que Canclini chama de cidades paranoicas. Elas são as urbes como São Paulo e a Cidade do México, que se expandem de forma caótica e reúnem uma variedade de problemas urbanos. Do outro lado da moeda estão as cidades-sexy, as cidades-espetáculo. Estas, por sua vez, são as grandes metrópoles globais que concentram uma ampla aparelhagem de serviços, cultura, indústrias e vida urbana – Londres, Nova York, e por aí vai.

Se a compreensão do que é a cidade e como ela se configura já muda ao se levar em conta o contexto da América Latina, para entender Curitiba outras tantas especificidades devem ser consideradas. A capital paranaense gravita entre os conceitos de cidade-espetáculo e cidade-paranoica. Mesmo que estes não sejam definitivos e fechados (um pode ter elementos do outro) é importante entender Curitiba como uma metrópole que surge da ideia de uma “cidade-modelo” ao mesmo tempo em que vive uma realidade na qual aumentam os problemas sociais urbanos.

O principal deles é a violência, a maneira com que ela é percebida e como ela muda os hábitos dos cidadãos. Este é um fator chave para entender o esvaziamento das calçadas e consequente processo de formação de “ilhas urbanas” no tecido da cidade – como os shopping centers e os condomínios fechados (tanto verticais quanto horizontais). Já dizia Jane Jacobs, lá em 1960, a relação entre a população de uma cidade e suas calçadas é essencial para a manutenção dos espaços públicos e para que se estabeleça uma sensação de segurança nesses lugares. A má gestão e planejamento dos bairros e dos tipos de estabelecimento que se alternam nas regiões residenciais, por exemplo, contribui para essa situação. Além disso, a falta ou a dificuldade de mobilidade urbana

também contribui para a deterioração da vida urbana. Cria-se um ciclo no qual a falta de interesse na manutenção de espaços públicos que garantam convivência social leva ao abandono das calçadas, o que aumenta a sensação de insegurança e acaba levando ao crescimento da violência urbana propriamente dita.

A maneira como Curitiba foi pensada durante o século XX a partir de planos urbanísticos se relaciona também a esses fenômenos. Do começo do século passado, com seu caráter eclético – tentativa de buscar um legado histórico que a cidade não possuía e ao mesmo tempo construir uma identidade para a capital paranaense – passando pelo Plano Agache, a gestão de Ivo Arzua, o Plano Diretor e as gestões de Jaime Lerner, Curitiba modelou uma imagem própria e passou por transformações intensas. Todos esses marcos trouxeram aspectos positivos e negativos. No entanto, as soluções para os problemas anteriores envelheceram e levaram consigo a efervescência de determinados espaços públicos.

Essa degradação gradual de espaços que foram concebidos para o convívio social e manutenção de uma vida pública, pode ser vista em três lugares: o calçadão da Rua XV, a região do São Francisco (especialmente as ruas Riachuelo e São Francisco) e o Passeio Público. O calçadão ainda é um dos cartões postais de

Curitiba, mas o que foi um dia o coração do comércio e lazer curitibano sofre com a desintegração urbana. A concentração de cinemas e comércio nos shoppings é um dos fatores que levam ao esvaziamento da região especialmente durante a noite. A Riachuelo e a Rua São Francisco seguem um caminho inverso. Recentemente, passaram por uma revitalização, porém há pontos a serem questionados na maneira com que essas “reformas” foram executadas – elas não resolveram necessariamente o problema da violência nessa região. Já o Passeio Público foi o primeiro espaço da cidade pensado para a ocupação pública. Surgiu como forma de combater alagamentos na região e acabou virando outro dos cartões postais da cidade. Se antes era convidativo pela variedade de atrações (zoológico, bar do Pasquale, pedalinhos) hoje é evitado pela suposta falta de segurança do local e sofre o abandono. Mesmo que existam tentativas de apropriação e ocupação desses lugares, ainda são pontuais e com pouca adesão.

Não bastassem essas particularidades, um outro fator é chave para decifrar Curitiba como cidade e onde ela se encontra nesse contexto de fragmentação urbana: o curitibano. Descrever o curitibano é uma tarefa impressionista que envolve lidar com mitos e famas como a frieza dos habitantes da capital paranaense. Não há

nenhum estudo que comprove “por a mais b” que essa fama toda procede. Mas sabe-se que a “sopa eslava” – nas palavras de Cristóvão Tezza – que rege a mistura de povos europeus que fizeram morada nessa região e ajudaram a construir Curitiba, é fundamental para traçar esses comportamentos típicos. O maior registro que pode ser encontrado sobre a forma com que o curitibano se comporta, de onde vem esse *modus operandi* e como ele ocupa os espaços da cidade, está na literatura – especialmente em crônicas e ensaios, escritos tanto sob a ótica de escritores “estrangeiros” como os nativos da capital. São autores que, ao encarnarem a figura tipicamente moderna do flâneur, narraram a cidade até então.

Somente após passar por toda essa discussão – que nada mais é do que a ponta de um gigantesco iceberg, mas que ainda assim dá uma perspectiva sobre a problemática da cidade hoje – é possível fazer a pergunta: como narrar uma Curitiba que se despedaça? Até então a crônica e o ensaio davam conta do recado.

Esses dois gêneros estão na confluência entre jornalismo e literatura. Têm raízes no jornal diário, no periodismo. Surgem a princípio nos folhetins e não demoram a se popularizar e legitimar de diferentes maneiras. A crônica se torna uma forma de narrar o cotidiano, de extrair grandeza daquilo que é banal. O ensaio

se firma como um gênero que amplia as discussões suscitadas pela crônica, trazendo referências e um certo refinamento ao tratar de diferentes temas. Ambos podem falar uma ampla gama de assuntos, não há um limite estabelecido. Compartilham do mesmo DNA, se completam e estabelecem uma meditação entre sujeito e cidade. A crônica é o momento de clareza, de olhar o cotidiano, o ordinário e dali extrair o fundamento de uma reflexão que, quando desenvolvida, germina no ensaio. Ambos são fruto da modernidade e da experiência do *flâneur*, do sujeito que se movimenta pelo corpo da cidade e dali extrai suas narrativas.

Mas em um momento no qual a cidade moderna, a cidade que prevê a existência de lugares nos quais as pessoas possam flunar e viver uma experiência urbana se desfaz, pode se questionar se esses gêneros ainda são adequados como formas de narrar esse meio. Eu acredito que eles ainda se sustentam, justamente por também serem formas de escrita livres, meio indefinidas, que passam por constantes mudanças e não têm a pretensão de oferecer respostas definitivas sobre aquilo que tratam – apenas relances. São discursos fragmentários, assim como a cidade hoje. A escolha por fazer este livro utilizando esses dois gêneros para falar de Curitiba não é à toa. Acredito que não poderiam existir dois exercícios de escrita

mais adequados para buscar a cidade que não está na vitrine para o resto do mundo, a cidade que se esconde debaixo dos fragmentos.

**SOBRE A CHUVA, SOB A CHUVA**



Chuva dá um charme para as coisas mais banais. Há gente deslumbrada que nem Gil, protagonista de *Meia-Noite em Paris*, que acha a cidade mais bonita quando chove. Curitiba pode não ser nenhuma Paris, mas a cortina de água traz outros ares. Quando ela cai, me sinto em casa.

Chame de romantismo ou o diabo que for, mas os gritos dos ambulantes – “guarda-chuva vai a dez!” – são comoventes. Mal caem os primeiros pingos e lá vem eles, como quem surge de bueiros e passagens secretas, quase uma seita maçônica, mercadoria em mãos e garganta aquecida.

Há também a emoção de andar às derraçadas pelos *petits pavés* tomando cuidado para não pisar em pedras soltas e, além do tombo certo, encharcar os pés na água que se acumula embaixo delas. Sem falar nos mais aventureiros que, na busca por adrenalina (e quem sabe um bom banho), resolvem andar rente ao meio-fio – um olho nos carros, outro nas poças na linha de fogo dos pneus.

(Tenha certeza de que pelo menos setenta por cento dos xingamentos em voz alta que se ouvem em dias de chuva vêm dos pobres coitados que são vítimas desse lava a jato curitibano)

As estatísticas não mentem e apontam também que o resto da porcentagem é fruto das traições dos guarda-chuvas – que vão a dez mas também vão pelos ventos. O tal é

companheiro fiel do curitibano até o momento em que, já de asas abertas, resolve alçar vôo e ir embora – ou então se retorcer até conseguir ficar completamente do avesso.

Já diria Antonio Prata, o guarda-chuva é um bobo, um piadista. Porém o *timing* é ruim e bem quando cai o *toró* ele resolve tirar o dono para dançar, debochando enquanto estala as juntas. Ah, mas o curitibano também não deixa barato e, frio como sua fama, o joga no lixo, no chão, o pisoteia sem dó nem piedade para ir embora tão resignado quanto ensopado.

Os ônibus lotados viram saunas sobre rodas, levando alguns pingos aventureiros - que se espremem entre as frestas do teto – para passear em outros bairros. O ar úmido e carregado embaça as janelas. Nelas vão se desenhando frases, figuras, rabiscos órfãos – filhos do tédio e tentativas de enxergar se o ponto já está chegando.

A chuva também tem o péssimo costume de querer passar os finais de semana – e feriados – em Curitiba. Se passa os dias úteis no interior, já na sexta-feira ela veste suas nuvens mais escuras e vem se aventurar na metrópole. O Parque Barigui fica às capivaras enquanto os *shoppings* disputam um público encharcado. Programa preferido do curitibano que se recusa a ficar em casa, de molho.

O aguaceiro, mesmo já sendo rotina, sempre parece inesperado. Num susto nos acorda

e lava todos os pensamentos anteriores que ocupavam a caixola. O trabalho atrasado vira só desejo de estar em casa, tomar um café. E a gente olha os pingos caindo e se sente num videoclipe, lembra dos desamores, do filme que deixou de ver, da janela que ficou aberta, da roupa que não vai secar nunca...

Sempre que estou longe a chuva me traz para perto de casa. Você pode até me dizer que é besteira, chuva tem em todo lugar – em São Paulo chove muito mais! A isso eu te respondo: “ah, mas lá em Curitiba...”. Essa cidade nasceu dos alagados e as ruas já foram calçadas para enchente. O mofo já é patrimônio municipal, a patinação em *petit pavé* o esporte no qual somos craques. A chuva une todas as nossas conversas amenas e os pés molhados nem nos incomodam mais. Por isso repito: não importa onde eu esteja, é só ver os pingos caindo, que já estou de volta.

# PROVÍNCIA DA VINA



Eu demorei 20 anos para descobrir que moro no interior.

Na barraca de cachorro quente o rapaz pede um *dog* com duas *salsichas*. Veja bem, *salsichas*. É como aquela cena em *Bastardos Inglórios* na qual Michael Fassbender acaba com seu disfarce ao pedir três cervejas da maneira errada em um *pub* nazista. O dogueiro se reconhece nos termos e sotaque: ambos de São Paulo. Em um instante passam de desconhecidos a conterrâneos e no meio da troca de amenidades salta a frase:

— Meu, Curitiba é tipo um interior grande.

O primeiro instinto é o de orgulho ferido. Como pode? Curitiba, cidade-modelo, protagonista em *rankings* de qualidade de vida, feudo europeu no país tropical. A vontade é de defender a pátria, exigir aos brados retratação. Mas curitibano que é curitibano observa, remói e depois, sim, destila o veneno. Passado o momento e o cachorro quente com duas *vinas* – nada de *salsichas* por aqui – a frase soa menos como ofensa e mais como observação sensata. Veja bem, uma vez às 2h da manhã uns amigos meus – paulistas – resolveram ir a uma espécie de padaria que também era sushi bar e tinha várias modalidades de hambúrguer. Lotado como se fosse meio-dia. São Paulo, senhoras e senhores.

Voltando à terra das araucárias. O que fica aberto ali na Rua XV, coração e cartão postal

dessa cidade, depois das seis da tarde? No máximo a Confeitaria das Famílias. Família, doces e tradição, tem algo mais interiorano do que isso? Provavelmente não. Ali mais para frente o Bar Mignon também estende o expediente – lembrança de uma XV que já foi mais boêmia. Sem sushi bar. Nos finais de semana o movimento fica restrito especialmente aos *shoppings*, parques e à vida noturna – que, segundo fontes, é bem menos intensa que a paulista. De resto: passada a hora do almoço no sábado o movimento dos lojistas é em direção ao lar. Domingo, então, nem se fala, é dia da família, não da cidade.

Esse jeitão de Curitiba tem muito a ver com o comportamento de quem mora por aqui. Cristovão Tezza ilumina alguns pontos da personalidade curitibana – resultado de uma grande sopa eslava da qual vem essa alma meio rural. A mistura de alemães, poloneses e ucranianos faz nascer o curitibano, essa figura que – nas palavras do próprio escritor – “seria uma espécie de alemão protestante urbano com uma alma rural, católica e eslava”. Não importa quanto Curitiba cresça, nem quantos dos seus prédios arranhem os céus, não há concreto que sufoque o colono que há dentro da gente – “isso aqui era tudo mato”.

A sensação que tive quando conheci Gaspar, uma cidadezinha catarinense perto de

Blumenau cujo prédio mais alto tinha cinco andares, provavelmente era a mesma que aquele rapaz sentia ao pedir seu *dog* com duas **wie-ners**. No fim do dia é tudo questão de perspectiva. Compartilho essas divagações com a minha namorada. Ela que cresceu em Colorado, capital paranaense do rodeio, e constantemente me lembra o quão *piá de prédio* eu sou por ter passado a infância sem comer fruta direto do pé. Tal como, em *Game of Thrones*, Ygritte sempre diz que Jon Snow não sabe de nada, responde:

— Curitiba é enorme.



# COLETÂNEA

Toda cidade tem sua trilha sonora. É a cena musical de uma metrópole que rege o seu tom e ritmo. Berlim pulsa como a música eletrônica. Nova York é cheia de nuances como o *jazz*. Paris tem a classe – e um pouco da pieguice irresistível – da *chanson*. Londres é vibrante como o *rock n’ roll*. Rio de Janeiro tem a beleza da bossa e a malandragem do samba. São Paulo é feita de concreto e poesia como o seu *hip hop*. Então, como Curitiba entra nessa dança?

Se fosse meramente por impressão ou pelas sensações que causa nos seus habitantes, talvez desse para dizer que algum ritmo frio cairia bem. Quem sabe um *jazz* suave, *blues* ou *soul*? Pelas lentes – ou fones de ouvido – da história, o rumo é um pouco diferente.

Nos anos 1990 ficou conhecida como a “Seattle brasileira” – cidade que foi lar do movimento *grunge* e de bandas como *Nirvana* e *Pearl Jam*. Não que algum grupo do mesmo calibre tenha surgido por aqui naquela época, mas a sensação era de que tudo era possível. Ao menos é o que contam os que viveram o auge.

Foi um momento fértil no qual as bandas dialogavam entre si e ganhavam suporte de iniciativas como o *92 Graus Underground Pub*. Se Nova York tem o lendário CBGB’s, nós temos o 92. Fundado pelo Geraldo Jair Ferreira Junior – J.R para os íntimos – o bar surgiu como o lugar para as bandas autorais de Curitiba tocarem. Um templo aos artistas “marginais”.

Do *death metal*, ao *punk* e música alternativa, aquele chão de madeira, que cede levemente conforme se caminha sobre ele, já ouviu de tudo. Contra todas as expectativas, e após várias mudanças de endereço e ameaças de extinção, o 92 continua em pé. Mas o cenário mudou bastante.

As bandas e os artistas lembraram com o passar dos anos que eram curitibanos e foi cada um para o seu lado, sem se esbarrar. Culpo o aquecimento global e sua influência no clima da cidade – é no frio que buscamos o calor humano. O fenômeno dos covers e do “som mecânico” (termo cafona mas certo) também deu conta de abafar todo o barulho. Hoje até as festas de centro acadêmico preferem o conforto do *Spotify* às guitarras estridentes e embriagadas dos colegas de curso.

Mas não se engane, ainda tem gente boa fazendo música em Curitiba. Sons vanguardistas, misturebas experimentais, mpb, sambas tortos e *hardcores*. Nosso rap e pós-rock começam a ganhar reconhecimento nacional. Se cortam a verba para eventos culturais oficiais temos coletivos e espaços independentes de portas abertas para quem quiser chegar. Solo fértil. Tem de tudo por aqui. O duro mesmo é engrenar de vez.

Nossa música é a trilha sonora da desconstrução de um mito que nós, curitibanos orgulhosos, nunca conseguiremos aceitar. No

fundo Curitiba nunca teve um som definidor por natureza. Sempre foi uma cidade meio pastiche.

Por baixo dessa máscara de ordem e organização a gente não sabe bem aonde está indo. Talvez fosse isso que nossos músicos queriam provar durante esse tempo todo mas ninguém parou para ouvir – novidade. Curitiba é uma grande colagem, uma coleção de várias músicas que nunca se juntam em um álbum. Mas se serve de consolo, quem sabe esse seja nosso charme, afinal.



**FELIS CURITIBANUS**

*No meio da entrevista a senhorinha solta essa:*

*“Você é de onde?”*

*“Daqui mesmo, nasci em Curitiba”*

*“Mas você é tão simpático! O povo daqui é muito frio. Acho que é o clima. No Rio todo mundo sai pro happy hour depois do trabalho, sempre tá calorzinho. Aqui ninguém anima, só pensa em voltar para baixo das cobertas”*

\*\*\*

Curitibano é um bicho meio arisco, admito. Falo como alguém nascido e criado aqui. Não que a gente seja tudo igual, mas há pontos em comum. Lá no fundo somos fechados, desconfiados mesmo. Guardamos os pensamentos e comentários para nós mesmos por um certo medo de incomodar, ou achar que falar em voz alta é uma quebra de protocolo. Comportamento meio felino.

Por isso volto aos ônibus. Perdão se soa repetitivo mas a experiência do ônibus é o centro do que significa ser curitibano – empate técnico com reclamar da chuva e das pedras soltas na calçada. É no perrengue compartilhado que se abrem janelas para pequenos momentos nos quais o gelo se parte.

Às vezes o papo vem ao ceder o lugar para algum idoso. Como a vez em que um senhor não só recusou se sentar como contou orgulhoso

que estava indo para o baile. Toda terça-feira, fazia algumas décadas – literalmente – ia dançar no Água Verde. Não precisava sentar coisa nenhuma. Invejosos dirão que era um carioca disfarçado, mas não: curitibano da gema.

Sair em dia de jogo também é garantia de momentos curiosos, culpe os torcedores e seus ânimos exaltados. Tipo a vez que um grandalhão da Império Alviverde atravessou o ônibus biarticulado de ponta a ponta tranquilizando os passageiros sobre a algazarra da torcida: “a gente só assalta caixa eletrônico” – quem vai pagar pra ver?

Domingo desses a Guarda Municipal estava parando todos os biarticulados para revistar os torcedores antes de um Atletiba. Ônibus parado, um moleque colado no pára-brisas olhando os policiais e o povo lá fora com as mãos no muro. Do fundo do busão, no meio de outros torcedores, vem a voz da mãe: “Lucas volta já pra cá!” “Mas mãe, eu tô vendo a operação” “Não é operação moleque, é enquadro!”. Outra voz puxa o coro “Ihhhh, Lucas, vai apanhar!” “Vai apanhar, vai apanhar!”. Adesão maior do que se cantassem o hino do próprio time.

Há vezes que o povo perde a inibição de vez. Até esquece que é curitibano. Só ver as greves, já quase semestrais, de ônibus. Quando se operam milagres da física e, no meio da hora do *rush*, dois corpos passam a ocupar o

mesmo espaço, aí somem também os pudores. Cada vez que se abrem as portas vêm junto os gritos: “vai que cabe mais um” “não cabe não!” “vamo lá motorista!” “vambora!” [*o ônibus acelera*] [*comemoração, risos, fanfarra e euforia*]. Viu? A gente também sabe ser um pouco Rio de Janeiro.

\*\*\*

*Andando na rua, outra senhora ‘garra de papo:*  
*“Desculpa puxar conversa assim, do nada, é que*  
*eu sou do Rio”*

\*\*\*

Mas longe desse comportamento ser regra. O senhor desgrenhado de terno branco que ficava gritando xingamentos ininteligíveis pela janela do ônibus; a moça que foi estuprada, contraiu HIV e pede doações; os vendedores de cocada e alfajores; os surdos que vendem adesivos; o argentino que toca sempre a mesma música em uma velha flauta doce; os jovens *hippies* do novo milênio que arranham um Chico Buarque e professam o *slogan* “amor no coração, paz na mente e respiração consciente”; que o digam. A recepção nem sempre é das melhores.

O silêncio vira moeda de troca. Olhos grudados nas janelas. Prefiro pensar que não é por

mal, mas às vezes faço a mesma coisa. É mais forte do que eu. Não por algum senso de superioridade ou qualquer besteira dessas, mas simplesmente por uma estranheza ou incompatibilidade social – que termos chiques para se dizer “trouxa”. É até meio ridículo falando assim, parece tão simples. Se você já conseguiu romper essa barreira e estiver disposto a me ensinar é só me chamar quando me vir pela rua. Mas se eu não responder não se chateie – juro que não é por mal.

\*\*\*

*Aviso aos navegantes: se alguém te parar na rua para conversar, não é golpe nem assalto, é carioca. Aparentemente eles se infiltraram na cidade sorriso para se gabar de como só eles ainda conseguem bater um papo descompromissado com desconhecidos. Caso seja abordado, não dê trela! Finge que é panfleteiro da Rua XV e passa reto. Onde já se viu.*





**DIA ÚTIL**



Em *Vida e morte de grandes cidades*, Jane Jacobs faz um tratado de amor à vida urbana. Numa determinada altura do livro ela descreve o desenrolar do cotidiano nova-iorquino como se fosse vários atos de um balé. Como bom curitibano, não poderia deixar passar a oportunidade de dizer a você que Curitiba também tem isso aí – igualzinho a Nova York.

Dentro de vinte e quatro horas cabem muitas Curitiba. Todo dia a cidade amanhece populosa, terminais de ônibus lotados de estudantes e trabalhadores. Só lá pelas 10 horas desacelera e vai espreguiçando até a hora do almoço, quando a saída dos colégios e o movimento dos que trabalham só meio turno faz a circulação se aquecer novamente. Os ônibus vão enchendo. O mesmo acontece com os restaurantes por quilo no centro, ou então aqueles que oferecem um almoço completo por 10,90 – como fazem questão de gritar a plenos pulmões os homens-almoço do calçadão da Rua XV.

Ali por volta das 15 horas dá para notar um aumento significativo na faixa etária dentro dos ônibus alimentadores que vão dos bairros ao centro. Uma procissão informal de velhinhos e velhinhas que resolvem ir ao médico, ao banco, ou simplesmente aproveitar a “fresca” da tarde para passear e tomar um sol. Talvez os senhores que ocupam religiosamente

os bancos da Boca Maldita – olhos atentos e língua afiada – representem uma fatia dessa porcentagem. Difícil não lembrar daqueles senhores de fantoche dos *Muppets* cujo esporte preferido é praguejar enquanto olham o desenrolar da vida alheia.

Às 16 horas ali no miolo do Água Verde, típico bairro classe média, entram na dança os cachorros e seus donos. Adolescentes ainda de uniforme passeiam pelas calçadas com um desinteresse sintomático da idade – numa mão o celular, na outra a coleira. A eles também se juntam os aposentados, que como reflexo de um ócio merecido, concentram seu interesse para o lado de lá da soleira da porta.

Na direção contrária, as diaristas vão pouco a pouco voltando para suas casas e os ônibus se enchem novamente com o fluxo dos que já podem descansar. No Terminal do Campina do Siqueira a multidão impaciente faz fila para se acotovelar em um Inter 2 de apenas duas portas – porque diabos os de três portas nunca circulam nesse horário?!

Lentamente o silêncio, que é marca registrada dos ônibus curitibanos, vai se quebrando. A saída dos colégios o substitui por risadas estridentes, conforme estudantes carregados de hormônios – cuja preocupação não vai muito além do dia seguinte – chegam em bandos às estações-tubo.

Com o final da tarde surgem também os maratonistas de canaleta. Tá aí uma raça que eu não entendo. Esses indivíduos transformam as vias dos ônibus expressos em grandes parques públicos. Correm com uma satisfação quase masoquista em meio às dores musculares e o ar quente de fumaça. Talvez o asfalto lisinho seja o que mais pesa nessa escolha, ou então o façam pela adrenalina de desviar dos ônibus que surgem a toda velocidade. Mas sempre há também a possibilidade de ser só pelo prazer de ver o caos da hora do *rush* e poder afirmar para si mesmo: “Olha só como eu moro em uma cidade grande”.

Do comércio sobram algumas farmácias abertas, bares, restaurantes e os eternos shoppings. Lentamente Curitiba respira e se espreguiça em meio às luzes dos automóveis, apartamentos e postes. Se não cochila às 20 horas, Curitiba não aguenta o movimento que vem em seguida. Às dez, mais uma vez, os ônibus se enchem – ainda que mais timidamente – com os estudantes de cursinho, universitários e lojistas cansados que encontram nas luzes artificiais a reafirmação de uma rotina. Até a meia-noite eles vão seguir fazendo baldeações para chegarem ao conforto de suas camas. Bem-aventurados sejam.

A cidade finalmente troca o sapato pela pantufa. O ato final desse balé rotineiro é o

solo dos que não têm para onde ir. Espalhados em colchões debaixo de marquises, os moradores de rua jogam conversa fora e se aconchegam com seus fiéis companheiros caninos. Conforme vão fechando os olhos, Curitiba também adormece. Por hoje chega. Caem as cortinas.



A photograph of a city street during a heavy rain. In the foreground, a red bus is driving towards the camera with its headlights on. To its left, a street sweeper is working. The street is wet and reflects the lights. In the background, there are tall buildings and a pedestrian crossing. A black banner with white text is overlaid on the middle of the image.

# CIDADE SOBRE RODAS

41.3039.6628

NISSEI

Minha família nunca foi de andar de carro. Dos meus tios apenas um sabe dirigir. Minha mãe tentou aprender há um tempo atrás mas viu que o negócio não era pra ela. Meu pai até hoje prefere gastar a sola dos seus *all stars* brancos caminhando, como sempre foi. Então os passeios de final de semana, a ida para a escola, a visita aos parentes... Todo ponto de partida e chegada na minha vida de curitibano foi ligado por caminhadas e linhas de ônibus.

Mas em um universo de alimentadores e ligeirinhos minha relação mais íntima sempre foi com o Santa Cândida/Capão Raso. Além de, para meu espanto, ele sempre me levar para perto de onde eu deveria ir, na jornada da infância à vida adulta ele foi a unidade de medida que estabelecia qual era meu horizonte na cidade em que eu nasci.

Explico. Lembra dos jogos do Super Mario? Cada bolinha no mapa era uma nova área do jogo que, quando completada, dava acesso a uma próxima. As estações-tubo dessa linha, espalhadas por 22 km que cortam a cidade de norte a sul, sempre funcionaram de forma parecida comigo. Elegia uma delas e quando parecia que tinha visto tudo que havia em seus arredores podia seguir para a próxima.

Quando pequeno, minha mãe me levava ao cinema no Shopping Água Verde, estação-tubo Vital Brasil. Por muito tempo ali pareceu ser o

limite do meu universo conhecido – eu até ia para o centro, a Rua XV e arredores, mas sempre com os ônibus amarelos, o que era uma experiência completamente diferente.

Conforme crescia e minhas demandas de entretenimento iam crescendo comigo, passamos a descer na estação Praça Oswaldo Cruz. Quando não ficava brincando no parquinho da praça nos dias de sol, ia ao cinema com meus pais ou torrava a paciência deles em peregrinações por lojas de brinquedo.

O raiar das minhas primeiras independências veio quando entrei para o Conservatório de MPB. Todo sábado de manhã ia, agora sozinho e de violão nas costas, até a estação Central – e dali para o Largo. Sem ninguém para pegar na mão e já na companhia dos meus fiéis fones de ouvido, pela primeira vez não largava os olhos pela calçada durante o trajeto. Olhava para a frente. Olhava para os outros e tudo que me cercava. Aprendi a olhar.

Por muito tempo a Central foi o limite da minha vida urbana. Eventualmente vieram as saídas com os amigos (Estação Eufrásio Corrêa – volte uma casa – ou então Estação Passeio Público – avance duas), quase todas nos *shoppings* que têm por aqui. Mas também havia eventuais visitas às casas deles.

Em uma dessas eu fui parar no Ahú, mais especificamente na estação Moisés Marcondes.

“Mas são quatro tubos depois da Central?!”. Debaixo da chuva torrencial que caía naquele dia, o lugar parecia ainda mais distante do que já era para mim. Irônico pensar que dentro de alguns anos o tubo que vinha logo em seguida – Bom Jesus – seria o meu caminho cotidiano até a faculdade.

Pode parecer bobo, mas até hoje considero uma das minhas maiores conquistas o dia que visitei uma amiga que mora ao lado do Terminal Santa Cândida. Me senti rasgando a cidade de uma ponta a outra, como se aquele ônibus seguisse uma interminável linha reta. Passei o caminho inteiro sentindo um prazer engraçado na demora para chegar do Portão ao ponto final. Vi todos os passageiros descerem. Desci também. Respirei fundo e algo dentro de mim cantou vitória. Ali, finalmente, zerei o jogo que tinha começado há tantos anos atrás. Crescer é um deslumbramento estranho.



## Medo e delírio em Curitiba

Curitiba é o embate constante entre a fama da cidade-modelo e as contradições que o mito carrega quando visto a olhos nus. A capital paranaense não se caracteriza como cidade-espetáculo nem como cidade-paranoica, ela flutua entre os dois conceitos. Se a oferta cultural, a consciência ambiental e os projetos urbanísticos passados remetem ao “espetáculo”, o aumento nos problemas urbanos – especialmente a questão da segurança e transporte – é típico da “paranoia”.

A cidade-modelo foi assim apelidada principalmente graças ao projeto de urbanização do prefeito Jaime Lerner, nos anos 1970, e as técnicas de *city marketing* usadas para promover uma nova imagem da cidade e estabelecer um sentimento de pertença dos curitibanos. Lerner tinha como maior objetivo tornar a capital mais humana, priorizando ações que promovessem a ocupação da cidade pelos pedestres e que possibilitassem a locomoção sem a necessidade de carros. Entre seus feitos mais conhecidos está a criação do calçadão da Rua XV e da Rede Integrada de Transporte (RIT). Esse sistema de integração e vias exclusivas expressas chamado de Transporte Rápido por Ônibus (da sigla BRT em inglês) se popularizou

rapidamente e, atualmente, por volta de 300 cidades utilizam esse mesmo modelo. Em Curitiba, aproximadamente 45% da população utiliza o transporte coletivo, são mais de 1,5 milhão de passageiros por dia.

Ironicamente, Curitiba também é a capital que possui a maior frota de veículos do país. A proporção é de 1,8 habitantes por carro, o que equivale a aproximadamente 1,4 milhão de veículos em circulação na cidade. Esses números se devem em parte ao PIB e potencial de consumo dos curitibanos, que desde os anos 2000 são um grande atrativo para a indústria – em 2013 o PIB per capita da cidade era de R\$ 42.900 contra a média nacional de R\$ 28.800 (IBGE). A proporção de metragem de área verde por habitante também destoa de outras cidades. São 64,5 metros quadrados de vegetação por pessoa – em São Paulo a média fica em 14 metros quadrados.

A imagem de cidade inovadora que se construiu não rendeu apenas apelidos e slogans (Cidade Humana, Cidade Sorriso, Capital Ecológica), mas também prêmios e reconhecimento. Mais recentemente, em 2015, Curitiba ficou na primeira colocação do ranking IstoÉ/Austin Ratings feito para o anuário As Melhores Cidades do Brasil.

A capital paranaense também figura nos rankings das cidades mais violentas do Brasil e

do mundo. Nos últimos dois anos a taxa de homicídios ficou na média de 30 pessoas a cada 100 mil habitantes. A Organização Mundial de Saúde (OMS) prevê que taxas que ultrapassam os 10 homicídios já podem ser consideradas como epidêmicas. Desde 2007 o nível mais baixo de violência que Curitiba alcançou, de acordo com indicativos da Secretaria de Estado da Segurança Pública e Administração Penitenciária do Paraná (Sesp), foi de 24 homicídios por 100 mil habitantes. O transporte público também passa por um momento de crise. O preço da tarifa – R\$4,25, a mais cara entre as capitais brasileiras –, o incentivo ao transporte individual, a falta de diferentes modais e de integração com a região metropolitana são alguns dos motivos para o esvaziamento de um sistema que já foi referência.

Inserida em um contexto no qual as cidades mundo afora estão se degradando enquanto lugares que garantem uma experiência, uma vida urbana saudável, Curitiba sofre ainda mais com esses problemas já citados. A segurança e a mobilidade são dois fatores-chave para que a vida urbana seja mantida. A violência é essencialmente um fator de fragmentação da cidade, que desorganiza as relações no espaço público. Não é tanto a violência vivida individualmente pelos cidadãos, mas sensação de insegurança e o medo que a acompanham que desempenha

esse papel desintegrador. A segurança de uma cidade pode ser medida por quão seguros os habitantes se sentem ao andarem pelas calçadas. A crise na mobilidade, por sua vez, desestimula que os cidadãos se insiram nos espaços públicos – locomover-se dentro da cidade além dos trajetos cotidianos entre residência e local de trabalho se torna um desafio, ou um fardo.

Esses dois fatores aliados estimulam a criação de ilhas antiurbanas dentro da cidade. Por antiurbano considere os lugares que não permitem que haja um encontro com o inesperado. Lugares que não estabelecem uma tensão, uma dialética entre polos opostos – coação da experiência urbana. Assim a cidade acaba impondo aos seus moradores um leque limitado de possibilidades de vivê-la, percursos definidos, uma cidade-museu:

Essas “ilhas” traduzem certa “ecologia do medo”, uma cidade que perdeu as muralhas que a separavam do espaço rural envolvente, mas que, ao mesmo tempo, ergueu novas fortalezas internas de desconfiança contra perigos reais e imaginados, a favor de um ambiente acéptico e normalizado, constituído por espaços vigiados e confortáveis. (ALVES; FERNANDES, 2014, p. 23)<sup>1</sup>

---

1 ALVES, Luiz Rodolfo Simões; FERNANDES, João Luís Jesus. Os processos de fragmentação da cidade e a territorialidade

Em Curitiba os maiores exemplos dessas “ilhas” são os shopping centers e os condomínios fechados. A capital conta atualmente com 12 shoppings, sendo que mais três estão em construção – nos bairros do Tarumã, Xaxim e Santa Cândida. A maior concentração está no centro da cidade e ao menos dois são edificações históricas industriais que foram convertidas em shoppings como estratégia de revitalização. A estação ferroviária da cidade e seu entorno passaram por um processo de esvaziamento a partir da década de 1950, com o aumento do uso das rodovias para o transporte de cargas, sendo desativada oficialmente em 1972. Em 1996, foi inaugurado no local o shopping de lazer Estação Plaza que logo fracassou e foi reformulado no que hoje é o Shopping Estação, inaugurado em 2002. O edifício que abrigava a metalúrgica dos irmãos Mueller também passou por uma reconversão. Após os planos diretores de 1943 e 1966 determinarem novas áreas industriais que ficariam longe do centro da cidade, a antiga metalúrgica foi vendida e em 1983 foi reinaugurada como Shopping Mueller – o primeiro da capital.

Estudos apontam que essa reconversão de espaços causou mudanças também no

---

dos residentes nos condomínios fechados. Relação com o planejamento estratégico dos lugares. Geotextos, Salvador, v. 10, n. 2, p.13-29, dez. 2014.

entorno dos locais<sup>2</sup>. Os shoppings incentivam uma dinamização imobiliária nessas regiões e também aumentam o fluxo de pessoas circulando nos arredores. Por outro lado, além de não garantirem necessariamente uma melhora no relacionamento com o seu entorno e se destinarem a uma faixa socioeconômica específica (o que resulta em segregação de grupos), os shoppings representam competição para o comércio local – que pode dificultar a existência desses estabelecimentos menores.

Enormes condomínios fechados que oferecem todo tipo de serviço aos seus moradores – muitas vezes por um custo extra – se multiplicam não só em Curitiba, mas em nível nacional. Há tanto condomínios voltados aos apartamentos de alto padrão como os mais populares. A questão é que a essência de ambos é a mesma, a do isolamento do espaço público. O conjunto Vida Bella Praças Residenciais inaugurado em 2011, na região metropolitana, é um exemplo. São cerca de 2,7 mil moradores distribuídos em 45 torres. Os apartamentos são do segmento popular e variam entre 52 m<sup>2</sup> e 66 m<sup>2</sup>. As opções de lazer incluem área *fitness*, *playground*, brinquedoteca, piscinas,

---

2 YAMAWAKI, Yumi; DUARTE, Fábio. Shopping centers e recuperação urbana: estudo empírico de uma contradição teórica. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p.32-51, jan./abr. 2010.

pista de skate, quadra esportiva, salão de jogos, quadra poliesportiva e quadra de areia.

Há também exemplos mais extremos do que esses condomínios podem se tornar. Um conjunto no Tatuapé, zona leste de São Paulo, oferece aos seus 1,6 mil moradores feira livre toda quarta-feira, aulas de yoga e escola de idiomas. Além disso, dentro do condomínio há uma torre comercial e um *mall* com 18 lojas. Outros desses “feudos” também possuem serviços como lava a seco de carros, *food trucks*, salão de beleza e *pet shop*.

É necessário pontuar que esses estabelecimentos e serviços não só estão de acordo com os condôminos, mas, por vezes, são ideias propostas pelos próprios moradores. Há uma busca por atender as necessidades de quem mora ali. Isso é sintomático de um desinteresse pela rua que vem de diversas razões, mas especialmente dos dois motivos já citados. Esse menosprezo se revela como uma tentativa de mimetização, pois “entre muros, constrói-se habitação, equipam-se espaços desportivos, organizam-se áreas ajardinadas, desenham-se parques infantis, praças e avenidas. Dentro da muralha, encena-se o espaço público que não se reconhece lá fora”.<sup>3</sup> Com pouco esforço é possível imaginar um futuro distópico no qual esses condomínios viraram realmente feudos,

---

3 ALVES; FERNANDES, p. 26

ciudades-modelo dentro de um corpo urbano em ruínas – um exagero que já não parece tão extremo.

No editorial do jornal Gazeta do Povo, “Procura-se um slogan”, de 2011, a mudança de rumo na maneira com que Curitiba é pensada como cidade é sintetizada em um parágrafo:

É como se a cidade estivesse desistindo de parecer com Paris para parecer com Cingapura, arranhando os céus e fazendo das torres de espelhos seu patrimônio para o futuro [...] Era Capital Social. Era Cidade Ecológica. Agora, prepara-se para ser um centro pirotécnico, com economia vibrante, alto poder de consumo, onde se pode andar de carro como se fosse Los Angeles, olhando pelo retrovisor a vitória de uma arquitetura autista, incapaz da mais simples tarefa: dialogar com as calçadas.

Esses movimentos e iniciativas aqui pontuados geram um ciclo vicioso. As pessoas não se sentem seguras nos espaços públicos. Não há motivação nem recursos para que cidadãos de todas as classes econômicas se locomovam livremente pela cidade, Assim a vida urbana se esvazia, os espaços públicos se deterioram e se tornam menos atrativos ainda para a população. Os urbanistas ensaiam revitalizações que

mais gentrificam do que compreendem as necessidades reais dos cidadãos. Enquanto isso, os condomínios buscam entender o interesse dos condôminos antes de oferecer determinados serviços dentro dessas ilhas antiurbanas. O que síndicos e urbanistas compartilham é o fato de que suas ações buscam remediar os problemas urbanos, mas não os resolvem – e no final contribuem para a deterioração da vida na cidade.

Mas claro, antes de decretar que tudo está perdido é preciso olhar para os respiros que vão surgindo em contrapartida a essas transformações urbanas. Em Curitiba já faz algum tempo que está em alta o conceito de casas abertas, por exemplo. O próprio nome já é um tanto autoexplicativo. São casas, normalmente geridas por coletivos culturais, que oferecem todo tipo de atividades, desde shows até oficinas diversas. Parece um pouco uma nova forma de se pensar a relação entre privado e público, a relação entre as próprias pessoas e os espaços da cidade. Também soa como resposta ao caráter burocrático dos – relativamente escassos – espaços culturais “oficiais”. É um *approach* mais humano.

Os coletivos, aliás, também são responsáveis por outras ações que acontecem na cidade e que extrapolam esses espaços. O Arnica Cultural tem participado ativamente da vida

cultural de Curitiba. Recentemente eles foram parceiros do festival de música, arte e sustentabilidade, *Coolritiba* – que reuniu cerca de 10 mil pessoas na Pedreira Paulo Leminski. Indo mais para a questão de ocupação e qualificação de espaços públicos da cidade também tem a Associação de Ciclistas Alto Iguazu (Cicloiguazu) e o movimento Salvemos o Bosque da Casa Gomm. O primeiro, além de defender o direito dos ciclistas e políticas de mobilidade sustentável, participou ativamente nas discussões e construção da Praça de Bolso do Ciclista. A Praça foi construída coletivamente numa parceria entre Prefeitura e sociedade civil e marcou um processo de revitalização da Rua São Francisco – com a qual faz esquina e era ponto de prostituição e tráfico.

Já o Salvemos é um grupo que defende a preservação do bosque da casa Gomm – que pertenceu à família de mesmo nome e se tornou um símbolo da aristocracia e modernidade em Curitiba. Eles lutam para que a área verde (que até pouco tempo atrás corria o risco de ser asfaltada para facilitar o acesso dos carros ao Shopping Pátio Batel) seja reconhecida como parque. Além disso, o grupo mantém várias atividades ali, como uma horta comunitária e oficinas de jardinagem.

Esses lugares, por mais que ainda sejam escassos quando comparados ao número de

shoppings e condomínios fechados, mostram que ainda há quem lute por uma manutenção da vida urbana. Podem ser pequenos em tamanho, ou alcance, mas são gigantes por aquilo que representam, como Jane Jacobs expressa muito melhor do que eu jamais poderia: “sob a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e a liberdade. É uma ordem complexa”.<sup>4</sup>

---

4 JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



**AQUI DE PERTO**



O lugar mais seguro para pegar ônibus na região do Jardim Botânico é dentro da Vila das Torres. Há quem a evite por medo da violência que acompanha seu nome. A fama ali não é das melhores, realmente. Na boca popular aqueles 14 km<sup>2</sup> no qual vivem mais de duas mil famílias é favela mesmo. Apesar das casas de alvenaria e da situação regularizada da maioria, o estigma é pegajoso.

Curitiba é cheia de vilas. Lugares como esse, com situação até que estável mas que no fundo sofrem dos mesmos problemas dos assentamentos irregulares. Dizem as más línguas que é feito o mínimo nessas regiões só para que os gestores depois possam dizer com a boca cheia que não, Curitiba não tem favelas. Veja o caso da antiga Vila Pinto – nome de batismo da Torres. Não tinha como esconder o assentamento que surgiu nos anos 1950. Especialmente porque a “cidade oficial” cresceu ao seu redor. Solução? Regularizar.

Ali, às vistas de todo mundo, fez-se a Vila Modelo – perdão pelo trocadilho. Cravada entre o Jardim Botânico (nosso principal cartão-postal), o Teatro Paiol (o primeiro e mais tradicional de Curitiba), o Colégio Medianeira e a PUC (dois gigantes do ensino particular), cresceu como comunidade.

Falando desse jeito até parece um mar de rosas. Assim como se instalaram ali famílias

que tiram seu sustento catando papel, também veio o tráfico. E daí já viu, vira aquele ciclo que já é rotina por aqui. Conflitos com a polícia, disputas de território – a Vila é dividida por uma rua que determina as partes “de cima” e “de baixo” – e o povo lá, no fogo cruzado. Mas também há períodos de paz, às vezes curtos, mas há.

De alguma forma sempre tive uma ligação, mesmo mínima, com a região. Passei 14 anos da minha vida ali do lado como estudante no Medianeira. No colégio pouco se falava ou se ouvia da Vila. Ela sempre foi pouco mais que o outro lado do muro. O ônibus que me levava à faculdade cortava ela ao meio. O “lado de lá” promovido a “paisagem de passagem”.

Demorou uns bons anos até que eu colocasse os pés na Vila das Torres. O objetivo da visita era registrar o trabalho da Passos da Criança, uma ONG que oferece atividades no contraturno para as crianças da região. Dei uma de Angélica e fui de táxi – ‘cê sabe, o receio de ter que andar a pé por lá falou mais alto.

Na volta, resolvo trocar o táxi pelo ônibus – a opção mais econômica e pelo horário me parecia tranquilo. Meio sem jeito, pergunto para a moça que trabalha ali qual ponto é o mais seguro para pegar o *busão*. Com toda a naturalidade do mundo ela responde: “aqui dentro da Vila mesmo”.

Segundo ela, os “nóias” não podem assaltar ali dentro. É lei. Se forem roubar tem que ser fora dos limites da Vila, caso contrário têm que encarar as consequências. Quem se engana e vai pegar ônibus nos pontos que ficam ali no entorno, normalmente, acaba sendo vítima de assalto. Há uma lógica que rege esse lugar. Caos ordenado.

Para chegar até o ponto é preciso atravessar a Vila de ponta a ponta – a pé, claro. Durante a caminhada o que salta aos olhos não é a miséria, mas sim a normalidade com que parece se viver ali. Entre bares, igrejas, cachorros e crianças, a Vila das Torres mostra sua face mais banal, longe da narrativa dos jornais. Mesmo que haja uma certa estranheza na maneira como se encara os estrangeiros por lá, ela não chega a ceder à sensação de insegurança. Mas se é assim todo dia, aí já não sei.

Só sei que se há alguma coisa em comum entre a Vila das Torres e o Jardim Botânico é a normalidade que no fundo rege ambos. Quando vistos pela sola dos pés esses lugares se mostram por inteiro, longe do discurso sobre o que é belo, ou não, pacífico, ou não. Já diria a música dos gaúchos da Apanhador Só:

*Eu tô sentado dentro de um cartão postal  
Olhando aqui de perto, tudo é tão normal  
A imagem mais bonita de uma capital*

*Impressa na revista me deixou feliz  
Mas olhando aqui de perto  
Eu admito, tudo é tão normal*

Tudo é tão normal.





# SÓCRATES



É meio da tarde, os meninos nadam na Praça Osório e eu percebo que não sei de nada. Não, ali não tem piscina nenhuma – dessas públicas só no complexo esportivo da Praça Oswaldo Cruz, algumas quadras mais para cima. Do alto, a Osório é toda copa de árvores, um coração verde vizinho à Boca Maldita. Da calçada, é palco aos michês, moradores de rua e garotos que cheiram tiner. Bem no meio, a tal fonte, muito familiar às pombas e – ao que parece - aos meninos encalorados.

A água turva não é convidativa, mas a farra parece tão boa. São três ou quatro que gritam, batem os braços e dão risada. As pombas olham de longe. Quem vê a cena contribui com um comentário desdenhoso – as pessoas, não as pombas, a fala é outra das habilidades que as coitadas não possuem. Bocas malditas. Não percebem que os moleques sabem muito mais dessa cidade do que qualquer um de nós.

Eu cresci em apartamento, para mim a rua só servia para caminhar até o ponto de ônibus, até o médico, ao mercado, ao *shopping*. Ela era sempre o meio, nunca o fim. Eu morava em um condomínio, desses populares, na rua João Bettega – mão dupla, poucos semáforos e calçada estreita.

Para não dizer que minha infância foi vivida da janela do terceiro andar, eu costumava brincar “lá embaixo”. Um asfalto cobria o

condomínio de ponta a ponta, ligando os prédios, os parquinhos (areia, balanço, escorregador, gira-gira) e as garagens. Uma infância padrão em uma cidade modelo.

Nós concentramos nossas vidas do lado de cá de grades enquanto a cidade cresceu como um quintal desconhecido. A gente vê as propagandas oficiais do governo divulgando uma cidade perfeita e, reunindo todo o cinismo para o qual o povo daqui tem vocação, brincamos de ser demaquilante. Na ponta da língua, todos os problemas cotidianos da vida urbana vão se desfiando. Será que esses políticos não vivem na mesma cidade que a gente?

Talvez os meninos da Osório façam o mesmo conosco. Quem sabe nossos problemas – mais rasos do que a fonte na qual eles se banham – e discursos ensaiados sobre a “nossa Curitiba” destoem da mesma forma. Imagina a conversa.

“Ih lá vem o cara que só anda de Santa Cândida/Capão Raso querendo falar que conhece Curitiba como a palma da mão”

“Esse aí só conhece o centro, aposto que nunca pisou no Boqueirão”

Recorro à filosofia e faço aqui um *mea culpa* Socrático: só sei que nada sei. Não era Nietzsche quem dizia que os que foram vistos dançando foram julgados como loucos por aqueles que não ouviam a música? Se é esse o caso, somos todos meio surdos.

Lembro do velhinho que anda pelas ruas do Portão arrastando um avião de lata com uma cordinha, no meio dos carros, sorriso de orelha a orelha. Ou então do bêbado que insistia em me chamar de Oscar e um dia largou a máxima: vida de gaiteiro é difícil. Eles ouvem a música? Tomam banho na Osório? Serão eles sábios? Será que o louco sou eu? Afinal, somos nós que nos fechamos atrás de grades, não eles.

Percebo que estou parado no meio da praça por incontáveis minutos olhando a piaçada na fonte. Cogito tirar os sapatos e me juntar a eles. Lembro que estou atrasado para algum compromisso. Coloco fones nos ouvidos e sigo caminho. Esqueço. Quem sabe um outro dia.



**E AGORA, ELIAS?**



Desde que o Elias chegou não teve mais assalto aqui na rua. O alvo principal sempre foram os carros estacionados. Toda manhã o caminho até o ponto de ônibus era acompanhado da trilha sonora crocante de estilhaços de janelas e para-brisas. Também pudera: rua mal iluminada, terreno baldio em frente e um único prédio na quadra – fórmula do sucesso.

As coisas mudaram com Elias. De começo trouxe dúvidas. Pele curtida, boné e moletom. Passava o dia sentado no gramado, bem na esquina da quadra. Quem olhava pensava que ele estava ali, só na espreita. Assaltante potencial. Deve ser morador de rua. Vez em quando ia falar com quem estacionava ali perto. É guardador de carro, então. Outras vezes nem ligava, sumia por uns dias, mas sempre voltava. É alguém.

Uma tarde dessas resolveu puxar papo. Começou falando de mulher. “Aquela ali só pra cuidar do cabelo é um salário mínimo, não é pro meu bico”. Mordi a isca. Não demorou a contar que saiu do interior do Paraná e resolveu vir para Curitiba tentar a sorte. Ou então que prefere “ficar na rua do que ir morar no meio da favela”. Brigado com o pai, sonho dele era voltar pro interior, comprar uma chácara, arranjar uma mulher e viver criando galinha, plantando coisa ou outra – mas para isso precisava de trabalho, já que não podia contar

com a herança do seu velho. Liguei um nome à pessoa: Elias.

Na mesma semana veio contar empolgado que tinham oferecido um emprego para ele no mercado que fica aqui do lado. “A síndica ali do prédio tá me ajudando a tirar segunda via dos documentos, só tô esperando a carteira de trabalho e semana que vem começo a trabalhar”. Semana seguinte, ainda tava lá. “Semana que vem começo a trabalhar”. Tem sido assim faz mais de mês.

Conversar com ele virou hábito, acostumei a sempre ver a figura miúda ali na grama toda vez que tô voltando pra casa. Entre as bolachas recheadas e garrafas d’água que comprava para ele dia ou outro, Elias vinha me pedir R\$ 1,70 – para quê, eu não sei –, mesmo quando eu não tinha os trocados, ainda assim, ele alugava uns minutos de conversa fiada – “me conte como vai tua caminhada”.

Assumi para si o posto de guardião da rua – com um pequeno empurrão. “Você é um cara tranquilo Elias, mas vê se não deixa ninguém mais ficar aqui na rua”, se apruma todo para imitar a tal da síndica. Ele leva a tarefa a sério. Faz uns meses que não piso em cacos no meu caminho matinal. Aqui na quadra não teve mais assalto e nem assédios às moradoras que religiosamente passeiam com seus cães.

— Esses cara que ficam mexendo com as muié, isso não é homem, homem é você e eu que não faz isso, quem faz isso é jaguara, não é homem não.

— Realmente, Elias. E nossa, faz tempo que não tem assalto aqui né?!

— Ah se eu vejo alguém tentando roubar carro já meto o pé, falo ‘cê não pode assaltar aqui não, eu que cuido dos carros, se quiser assaltar vai lá na outra rua’.

Noite dessas, chegando, já vi de longe ele mexendo os braços, chamando – levemente alterado pela ‘marvada’ da cachaça. Agora era certeza, na próxima semana ia sair a carteira de trabalho e o emprego no mercado. Mesmo assim parecia preocupado. Conseguir um emprego oficial significava sair dali. O posto ia ficar vazio.

—Não vai ter ninguém aqui. Vai voltar a ser tudo como era antes. A Guarda Municipal, aqui pertinho ó, podia passar aqui. Duas vezes por dia já resolvia. Custa nada. Eu vou sair daqui e não vai ter ninguém. Como que a gente vai fazer?

—Não sei Elias, não sei.



## NA JANELA



Até esses tempos eu tinha um adesivo do Atlético Paranaense colado na minha janela. Claro vestígio de uma infância marcada pela insistência de tios e padrinhos em me fazer gostar de futebol. Resolvi tirar ele dali, junto com todos os outros adesivos colados em momentos de impulsividade infantil, afinal cresci e continuo mantendo distância dos esportes.

Minha janela dá de cara para outros prédios e um pouco frequentado playground. Durante bons anos crianças e vizinhos deviam achar que eu era fanático pelo Furacão. Quer dizer, eu, pelo menos, acharia.

Desde pequeno eu gostava de olhar as janelas dos prédios e imaginar quem vivia lá dentro. As histórias que eu tentava adivinhar buscavam pistas naquilo que enxergava através dos vidros ou do que estava colado neles.

Ao andar por aí, quando via janelas cobertas quase inteiramente por adesivos da *Drop Dead*, revistas de skate e bandas de rock, lembrava do quarto do meu primo e dos apartamentos dos adolescentes do condomínio onde morava. Todos tinham a mesma identidade. Uma união informal que revelava quem vivia ali.

Os apartamentos que tinham telas de proteção instaladas acusavam a presença de uma criança em plena fase de descoberta. O estado dessas telas também indicava o temperamento

do pequeno que ali morava – eu mesmo experimentei cortar um pedacinho de nada da rede da sala uma vez, com uma tesoura de plástico, mas resisti ao impulso de seguir em frente com esse projeto.

Lá por dezembro ajudava minha vó a colocar os luzeiros, cordões e enfeites nas janelas de casa. Até hoje quando vejo apartamentos extravagantemente enfeitados não consigo contornar a certeza de que ali vive uma velhinha que não pode passar em frente a uma Lojas Americanas sem sair carregada de enfeites.

Além das janelas, alguns apartamentos têm a varanda como cartão de visita dos seus residentes. Em Barcelona, por exemplo, é muito comum as sacadas serem lar para pequenos jardins mediterrâneos. Ou, então, servirem como lugar ideal para pendurar pencas de roupas para secar – transformando as rue-las apertadas em lonas de circo nas quais os retalhos são peças de vestuário e bandeiras da Catalunya.

Por aqui era comum ver as namoradeiras tomarem conta das varandas. Lembrança de viagem a Minas Gerais ou bibelô comprado no Largo da Ordem, de qualquer forma um adorno extremamente brasileiro. Até pouco tempo atrás, também se viam bandeiras do Brasil e bandeiras vermelhas tamparem janelas, escancarando o fla-flu (ou melhor, Atletiba) político do qual esse país parece que nunca vai sair.

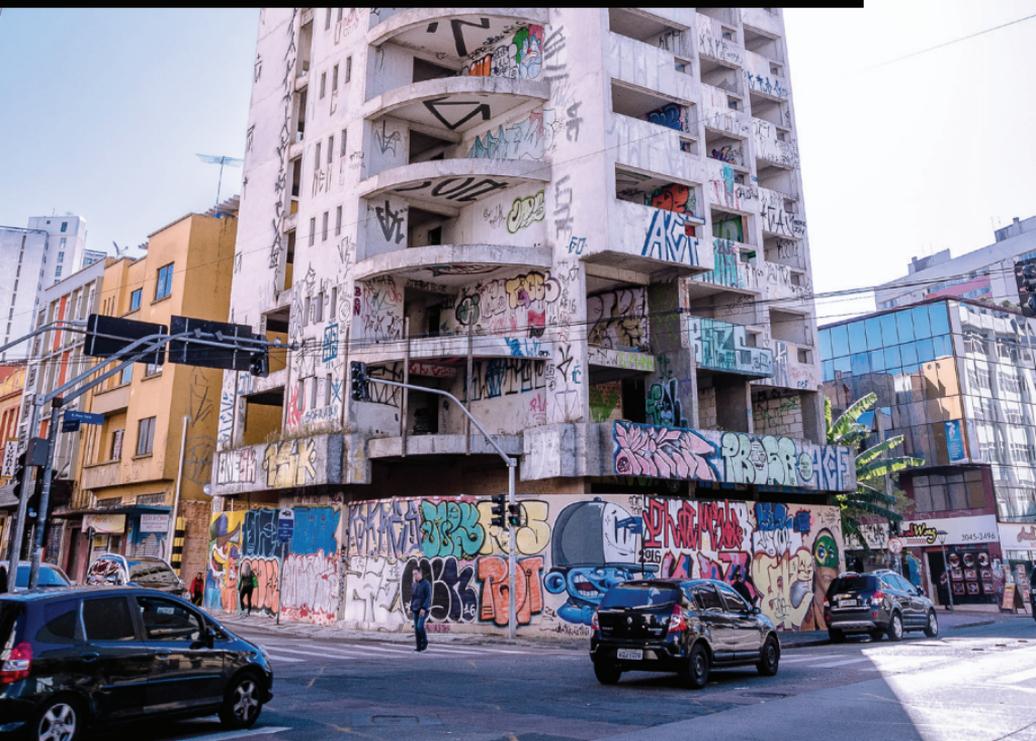
Hoje em dia tem sido difícil lembrar que nesses gigantes de concreto vivem pessoas, cada uma com suas dores, prazeres, gostos e histórias. Mas às vezes estou no ônibus e, ao ver o azulado da luz da televisão refletida no teto de um apartamento com a janela aberta, toda aquela minha divagação infantil volta num susto: tem gente ali.

Sumiram as bandeiras, quase não há namoradeiras, os enfeites rareiam e os adesivos ficaram nos anos 1990. Gente debruçada olhando o movimento? Mais raro ainda. Talvez menos pelo centro, em lugares movimentados. Mas também, o que se há para ver? *Playgrounds* vazios e interiores de condomínios onde ninguém conhece ninguém?

Ultimamente meu passatempo tem sido observar os três gatos que vivem no apartamento do prédio em frente ao meu. Eles passam boa parte do dia no peitoral da sacada, perseguindo com olhos felinos os passarinhos no céu, sempre atentos aos barulhos dos vizinhos ou a qualquer presença estranha nas varandas alheias. Os bichanos são espertos. Só eles percebem quão presos nós estamos.



# PRÉDIO



Quase na esquina da Presidente Farias e a rua São Francisco, bem ao lado da Praça de Bolso do Ciclista, onde Curitiba brinca de ser Bronx, tem um prédio enorme. Sabe-se lá porquê ele nunca foi terminado. Sem acabamento virou um grande esqueleto de concreto e ferro, tatuado à força com mil pixos e grafites. É um dos, pelo menos 30, prédios abandonados do centro.

As janelas são quadros vazados que dão para o breu de cômodos que não conheceram o calor das lâmpadas. Só de bater o olho ali já dá para sentir o hálito fresco do concreto bruto. Um monumento ao abandono. Minha admiração ao “predião” (como passei a chamar o tal) vinha, em grande parte, da curiosidade em saber o que se passava naqueles corredores escuros. Um dia, por acaso, descobri.

Em um sábado atipicamente ensolarado acabei indo parar no terreno baldio que separava o edifício das pedras brutas da festiva Rua São Francisco. Os tapumes grafitados que cercam o terreno estavam de portas abertas – tinha toda uma comoção lá dentro. Pela primeira vez reparei no que estava escrito em cima do portão de entrada: OCEL – Ocupação Cultural Espaço Liberdade.

O sarau “Quilombo Cultural: Território em Luta”, promovido ali, era uma manifestação cultural em apoio ao reconhecimento e

titulação das terras da comunidade quilombo-la Paiol de Telha. Entre os presentes, agitando as atrações e organizando o entra-e-sai entre o prédio em si e o espaço do evento, estava o Will Capa Preta. Foi ele que me fez ver um pouco mais além do abandono que o edifício inspirava em mim.

Will, que desde os 10 anos de idade esteve em situação de rua e faz jus ao nome lendário, foi o responsável pela ocupação que transformou o prédio em um espaço cultural. O que durante 20 anos foi ponto para uso de drogas longe da vista da polícia, virou sede de uma biblioteca comunitária, atividades culturais, oficinas de agroecologia e serigrafia, bazar de venda e troca de produtos artesanais, um cine clube e apresentações de teatro. Um caso bem-sucedido de apropriação de espaços vazios na cidade. Parecia estar dando certo pelo menos.

Mas olha, se tem um arrependimento que tenho até hoje é de não ter entrado no prédio a convite do Will. No dia preferi aproveitar a festa ali embaixo mesmo, afinal, o prédio não ia sair do lugar tão cedo. Peguei o contato dele para marcar uma próxima vez, quem sabe documentar em vídeo o interior da OCEL. Mas não chegou a dar tempo.

Como todo mundo bem sabe a essa altura do campeonato, ocupações culturais parecem ser um dos grandes inimigos das cidades. Uma

ameaça à saúde urbana e, nesse caso, também à propriedade privada. Poucas semanas depois do sarau foi feita a reintegração de posse do prediço. Agora sim. O tal edifício finalmente tinha voltado para as mãos de quem sempre foi seu dono: ninguém.

E assim foi. O prediço de volta ao abandono costumeiro, eu de volta à curiosidade. Derrubaram o tapume, cercaram o terreno com o muro e o transformaram em estacionamento. Às vezes, quando passo ali em frente, ainda entorto o pescoço para olhar o prédio de cima a baixo. A novidade é um ou outro grafite ou pixo novo, essas pequenas intervenções. Esses tempos também surgiu um ursinho de pelúcia pendurado em uma das “sacadas” do primeiro andar.. Mas que diabos acontece lá dentro afinal?

**MORTE ANUNCIADA**

A photograph of a prison hallway. The floor is made of light-colored square tiles. The walls are covered in white tiles with a diamond pattern. On the left, there is a closed metal roll-up door. At the end of the hallway, there is a large metal gate with vertical bars. Through the gate, a street with buildings and people is visible. A black banner with the text 'MORTE ANUNCIADA' is overlaid across the middle of the image.

Quem assistiu *Rebobine, Por Favor* sabe: uma locadora é mais que uma “loja”, é um ponto de encontro, um fenômeno social na malha da cidade. O contato com os atendentes, as recomendações, as garimpadas e descobertas de pequenos tesouros... É um pouco como as lojas de discos, com a diferença que essas estão voltando lentamente, enquanto as locadoras veem subirem os créditos ao som de *The Sound Of Silence*.

Se o tempo prova alguma coisa é que a raça humana – e por consequência a cidade – avança no ritmo de certas mortes anunciadas. A eletricidade foi a morte da vela, o carro a morte da carroça, a internet... Bem, a morte de quase todo o resto. Alguns casos até fogem à regra: o cinema segue por aí mesmo com a televisão. Já outros são um retrato doloroso da impiedade do tempo.

As videolocadoras já viram tempos melhores. Mesmo tendo trocado os acervos em VHS por DVDs e mais recentemente *blu-rays*, em terra de *Netflix*, *torrents* e algoritmos que sabem até que tipo de roupa íntima você prefere, é difícil competir.

Em Curitiba quase todas minguaram. Foram ficando as que eram direcionadas aos nichos dos cinéfilos, filmes raros e tudo mais. Tem uma dessas especializadas em filmes *cult* a duas quadras de um dos melhores Shawarmas

da cidade. Bem no centro, onde a cidade-modelo encontra a boca do lixo e a boemia ganha as madrugadas.

Parece até coisa de filme. Uma portinha tímida revela milhares de títulos raros organizados por gênero e diretor. Entrar ali é como atravessar um guarda-roupa antigo e ir parar em Nárnia. Atrás do balcão um senhor que, muito antes de ser engenheiro, é o cinéfilo por definição. Comprou a locadora do antigo dono para manter o acervo intacto e impedir que ela fechasse.

Representante exemplar de uma classe rara que pouco a pouco foi substituída pelos algoritmos, resume boa parte – senão todos – dos títulos de cabeça. Sabe indicar aqueles que melhor casam com o gosto de cada cliente e culpa os cinemas de rua, que tanto frequentou na infância, por essa paixão que carrega. Ali, como em toda boa locadora em seus tempos de glória, o cliente aluga sempre alguns minutos de conversa junto com cada filme.

Quer dizer, alugava. Agora faz mais de ano que o lugar fechou. A filha desse senhor tentou levar o empreendimento para frente durante alguns meses depois que ele se suicidou. Ao que parece, comprar a locadora foi em parte insistência dela. Tentativa de motivar um pouco o pai, já que ele gostava tanto assim de cinema. No final, o medo que ele tinha acabou se

concretizando. O acervo foi vendido para colecionadores de plantão e outras locadoras que ainda teimam em sobreviver. Família separada.

Do outro lado daquelas mesmas portas de vidro com gradil preto não há mais Nárnia. O ponto virou um salão de beleza, um dos muitos que existem espalhados por toda a cidade – enquanto houver cabelo a ser cortado eles têm sobrevivência garantida. Menos mal, o lugar tinha tudo para virar um bistrô, cervejaria ou cafezinho *vintage*, e acho que de mais um desses ninguém precisa.

**PARA O SANTO**



O Largo da Ordem é pátio no qual o sagrado e o profano se encontram. Para os que não o conhecem, o Largo é o coração do centro histórico de Curitiba. Área de calçadas, bares tradicionais, construções antigas e a famosa feira de domingo. Lugar comum, não fosse o contraste que carrega como segunda natureza.

A região é lar de duas igrejas antiquíssimas da capital: a da Ordem e a do Rosário. Nos entornos há também a decorada Mesquita Imam Ali e, algumas ruas mais para baixo, o templo Hare Krishna Iskcon. Esse “pátio dos milagres”, no entanto, é palco de uma devoção menos ao divino que ao mundano.

Nas noites dos finais de semana, a comunhão ali feita é na base do vinho barato – sem pão, nem hóstia. A Trajano Reis, a nossa própria Rua Augusta, é inundada por uma jovem boemia que, econômica, se embriaga pelas calçadas e depois parte para as baladas. Não há universitário no mundo que ache atraente a ideia de pagar 15 reais em uma *long neck*.

No epicentro do Largo, à sombra da Igreja do Rosário, *punks* e pombas se reúnem na borda do Cavalo Babão (apelido carinhoso dado à Fonte da Memória). Mais do que vinho ou cachaça, há também o eventual sangue que se derrama por ali. Acertos de contas, brigas acendidas a álcool ou então desavenças entre *punks* e *skinheads* – polos opostos que habitam

as mesmas noites. Tudo aos olhos do divino e do próprio Cavalo Babão, patrono oficial do Largo. Já dizia Raul, “faça o que tu queres pois é tudo da lei”, no fim das contas essa é a única Ordem que ali impera.

Domingo de manhã os cheiros e sons das noites de sábado dão lugar aos turistas, barracas de artesanato e o aroma engordurado dos pastéis. Os *hare krishnas* transitam na multidão vendendo livros, às vezes acompanhados da bandinha do templo com a qual cantam e dançam.

Extremos convivendo em um mesmo espaço. Podem existir barreiras silenciosas – ou nem tanto – os separando, mas todo final de semana ali estão. Com a naturalidade que só a rotina consegue providenciar, transformando o extraordinário em banal, esses movimentos continuam como uma engrenagem bem lubrificada. Lembrete diário do que é a vida na cidade e essas aparentes contradições que ela carrega.

Fico pensando se em algum momento essa ocupação boêmia foi intencional. Quem sabe os primeiros nativos das noites do Largo queriam peitar de alguma forma a “caretice” da igreja? Talvez seja inconsciente. Talvez beber às vistas de Jesus, Krishna ou Alá (vai da preferência de cada um) seja uma forma de confessar o pecado em tempo real, enquanto

ele ainda está rolando. Ou então tudo é coincidência e eu que estou aqui gastando o meu e o seu tempo procurando pelo em ovo. Mas que é curioso, isso é.

No fim, a única coisa que consigo pensar é que existe uma certa praticidade – ou vantagem mesmo, como quiser – em beber por ali. Se algum afoito num acidente esparrama sua bebida no chão, a desculpa já está engatilhada e vem como a perfeita garantia de perdão: “Essa é pro santo”.

Amém.



## Sopa eslava

Descrever o curitibano é uma tarefa impressionista que envolve lidar com mitos e fomas como a frieza dos habitantes da capital paranaense. A maneira com que os curitibanos se comportam e vivem a cidade está registrada de maneira muito própria na produção literária e jornalística. Baseado sobretudo no ensaio *Um olhar de Curitiba*, de Cristóvão Tezza, a crônica *Curitiba, a fria*, de Fernando Pessoa Ferreira e as dez edições da revista *Leite Quente*, gostaria de falar sobre o curitibano típico pela ótica, não da antropologia, mas da literatura.

Tezza elege o conservadorismo como o cerne da personalidade do curitibano. O princípio desse comportamento estaria nas raízes eslavas – aqui se tira da mistura os italianos – dos imigrantes que participaram do desenvolvimento da cidade na tentativa de torná-la seu lar. A forte presença da comunidade alemã na vida burguesa e urbana de Curitiba, aliada à influência dos poloneses e ucranianos cria a base para o curitibano que seria “uma espécie de alemão protestante urbano com uma alma rural, católica e eslava”. Dessa mistura o conservadorismo emerge juntamente com a suposta frieza que virou um estereótipo curitibano.

Essa sensação de estrangeiros -parece que nunca estamos em casa, exatamente como nossos antepassados não estavam ao chegar ali- foi acrescentando mais alguns traços ao temperamento curitibano. O principal talvez seja o traço conservador, naturalmente conservador – o curitibano não gosta muito de criar caso, gritar ou exigir aos brados alguma coisa; é como se ainda houvesse um substrato mental nos dizendo que aqui não é a nossa casa. Uma espécie de “comporte-se”, silencioso e poderoso, e, quem sabe, ainda com uma aura religiosa no ar, um certo instinto de missa. E é um substrato tão poderoso que qualquer “estrangeiro” -digamos, um carioca, um catarinense do litoral ou um baiano, acostumado a viver em voz alta- ao chegar em Curitiba levará sempre um primeiro choque: súbito, sente-se que há uma fina camada de gelo entre as pessoas, um sentimento de distância, invisível mas permanente. (TEZZA, 2003)

O autor vai ainda mais longe ao mostrar a influência do conservadorismo na cultura de Curitiba, o situando como algo já institucionalizado. Isso explicaria o fato dos curitibanos não se incomodarem com o status quo, acatando de maneira razoavelmente pacífica novas leis e outras determinações vindas do poder público

– o que volta sempre à questão do estrangeirismo, de não estar ou se sentir “em casa”.

Como consequência a essa natureza introvertida, o curitibano desenvolve um comportamento autofágico, quase cínico, se pondo a criticar e falar mal uns dos outros e a cidade em que vivem. Falar mal de Curitiba é um direito reservado aos nativos, se terceiros resolvem criticar a capital, a extroversão descontrolada – a qual eles se reservam o direito de demonstrar de vez em quando – vem à tona.

O caso mais notório é a repercussão negativa da crônica “Curitiba, a fria – onde Jânio Quadros comia moscas”, de Fernando Pessoa Ferreira. Na década de 1960, o escritor e jornalista pernambucano estava trabalhando em Curitiba prestando serviços para a editora Civilização Brasileira. Ao comentar suas impressões sobre a cidade para o carioca, e também jornalista, Paulo Francis, este o incentiva a transformá-las em um texto. A crônica resultante é publicada em 1966 no volume 3 da coleção Livro de Cabeceira do Homem.

Ferreira faz um retrato ácido de Curitiba e seus habitantes. Na mesma linha de Manoel Carlos Karam – segundo o qual a cidade tem duas estações: o inverno e a rodoferroviária – o escritor destaca o inverno como a maior atração turística de Curitiba. Ferreira afirma que a estação dura de fevereiro a dezembro

– no resto dos meses chove – e mesmo assim os curitibanos “não acreditam no frio” – gostam de descrevê-lo com exagero e orgulho, especialmente quando algum estrangeiro se queixa do clima de Curitiba.

De forma semelhante à Tezza, o autor também destaca o papel dos imigrantes na capital paranaense e como isso lhe dá ares de mosaico – “Curitiba não se parece com nenhuma outra cidade no mundo justamente porque tem um pouco de todas”. Além dos restaurantes italianos, confeitarias e bares alemães, a presença da comunidade polonesa que se mostra mais presente pela sua contribuição para a formação do sotaque curitibano – marcado pela acentuação e que, segundo Ferreira, “fica até bonitinho, quando dito por uma rosada *fraulein* ou uma polaquinha em flor”.

O autor também mostra como o conservadorismo é refletido no comportamento da mulher curitibana e como ela é vista por seus conterrâneos – homens “paqueradores” para os quais uma mulher na rua após as 22 horas seria prostituta ou “estrangeira”.

Longe de mim afirmar que os namorados curitibanos não se beijam ou não se acariciam como convém ao amor. Só não devem permitir que seu afeto seja suspeitado pelos vizinhos, do contrário o

nome da moça estará amanhã em todas as bocas (FERREIRA, 2005, p. 8)<sup>5</sup>

Além de caracterizar a timidez do carnaval de rua curitibano, o escritor retoma a frieza da cidade ao discutir a noção de Curitiba como uma cidade universitária: os estudantes “estrangeiros” nunca são absorvidos pelo meio local, ao contrário do Rio de Janeiro onde eles logo se tornam “carioquíssimos”. Em entrevista ao jornalista Dante Mendonça, para o livro *Curitiba: Melhores Defeitos, Piores Qualidades* (2009), Ferreira comenta a repercussão negativa da crônica

Essa trajetória, em quase 40 anos, revela um dado curioso sobre a alma curitibana: sua extrema suscetibilidade. Aquele texto era apenas um perfil irreverente da Curitiba dos anos 1950 e 1960, onde vivi durante dez anos. A reação que provocou na época foi espantosa: ganhei editoriais irados em todos os jornais. Um deles, *O Estado do Paraná*, dedicou uma página inteira ao assunto, com fotos de personalidades locais, legendadas com suas respectivas opiniões e títulos sugestivos que as resumiam: ‘Comeu e virou o coxo’, sentenciava um

---

5 FERREIRA, Fernando Pessoa. Curitiba, a Fria: Onde Jânio Quadros comia moscas. Revista *Idéias*, Curitiba, ano II, n. 20, p.1-19, mar. 2005.

deles. 'É um ingrato', deplorava outro. Engraçadíssimo, quando observado a distância. A reação foi tão virulenta que até uma expedição punitiva contra mim, que então morava no Rio, chegou a ser seriamente discutida na Boca Maldita. Veja só: Nelson Rodrigues escreveu que 'o mineiro só é solidário no câncer' e não provocou com isso reação tão furibunda nas Alterosas. O curitibano é antes de tudo um exagerado. Ou era...

Sendo uma cidade de estrangeiros, Curitiba é melhor retratada sob essa ótica do *outsider* – ou então quando a narrativa da cidade é dirigida a ele. Ao se narrar o processo de assimilação do estrangeiro na capital paranaense, ou então ao tentar explicar para ele as peculiaridades locais, se descobrem dicas de quem é o curitibano.

Esse tipo de narrativa é o coração das dez edições da revista LeiteE QuentE. A publicação era editada por Maí Mendonça, diretora de Patrimônio Cultural na Fundação Cultural de Curitiba, não tinha periodicidade definida e circulou de 1989 a 1992. Cada edição trazia um tema relativo à Curitiba tratado em ensaio de um ou mais autores, com linguagem mais coloquial e certa irreverência, estabelecendo um diálogo no qual se revelavam as excentricidades dos curitibanos.

A edição de estreia da revista foi escrita por Paulo Leminski e dissecou a linguagem do curitibano e como isso influencia seu comportamento. Mais uma vez a mistura de etnias e a introversão são ponto principal para explicar a identidade dos que moram em Curitiba – o curitibano é cauteloso, arisco, analítico – a alcunha de cidade-modelo também não escapa das críticas de Leminski.

As duas edições que seguem tratam respectivamente da presença dos gaúchos e catarinenses na formação cultural do Paraná. Deonísio da Silva, em *Os Catarinas no Paraná* (1989), chega a se referir ao estado como a capital de Santa Catarina devido à alta concentração de catarinenses tanto em Curitiba como em outras cidades paranaenses.

A edição de número quatro, *A Cidade sem Mar* (1989), é de autoria do escritor catarinense Manoel Carlos Karam. A falta de intimidade do curitibano com o mar, ou mesmo com o verão, é o tema principal da revista. “Existe sol em Curitiba? A cidade sem mar é obrigatoriamente uma cidade sem sol? A cidade com ano de duas estações – inverno e rododiferroviária – não tem direito a sol?”<sup>6</sup>.

Karam expõe de maneira cômica os costumes de verão dos curitibanos seja na praia ou seja na própria capital – como o hábito de

6 KARAM, 1989, p. 8

“veranear” no Parque Iguaçu ou no Passeio Público, andando nos pedalinhos e comendo bolinho de arroz no Bar do Pasquale. As moças que vão à praia com colares de pérola; as famílias ricas que compram casas de veraneio em Caiobá (e contribuem para a transformação do litoral paranaense); o “cidadão” que toma banho de mar com sabonete e toalha; os “farofeiros”; o sujeito que senta sozinho em frente ao mar de Matinhos que passa o dia bebendo e cantando “Trem das Onze”; esses são alguns dos hábitos e tipos litorâneos dos curitibanos que Karam enumera.

As *Mocinhas da Cidade* (1991), sétima edição da revista, escrita pela lapeana Maria Thereza Brito de Lacerda, apresenta um retrato do que era ser mulher na sociedade curitibana das décadas de 1940 e 1950. Dos chás dançantes organizados pelos diretórios acadêmicos, bailes de debutantes e de gala – nos quais “os finos ornamentos da nossa melhor sociedade” tinham seus primeiros contatos com o sexo oposto – aos lazeres, namoros e casamento, Lacerda descreve uma Curitiba de costumes patriarcais.

O namoro às vistas dos homens da família, as leituras restritas e o imaginário povoado pelos romances de Hollywood exibidos nas matinês duplas dos cines Avenida, Palácio, Ópera e Luz, tornavam raros os desvios na trajetória

para a vida doméstica do matrimônio. Homens e mulheres viviam uma cidade diferente, “Mocinhas da Cidade não entravam nos Cines Broadway, América, Curitiba e Odeon, onde corriam o risco de encontrar os cafagestes que infestavam a cidade com seus cabelos longos, unha do mindinho comprida e sapatos de camurça ou duas cores”<sup>7</sup>.

Isso para não mencionar outras disparidades “tradicionais” entre os sexos, visto que “enquanto o noivo andava à solta pela cidade (ele saía do sofá do salão da casa da donzela para o bordel mais próximo – salvo raras e honrosas exceções), a noiva se fechava em copas, confeccionando o enxoval com a ajuda da mãe, das irmãs, das tias e das bordadeiras disponíveis”<sup>8</sup>.

A décima e última edição da *LeitE QuentE* encerra a publicação em um tom nostálgico. Em *NoitE QuentE* (1992), Paulo Roberto Martins retrata Curitiba pela transformação de sua vida noturna dos anos 1950 ao começo da década de 1990. De forma não-linear, Martins fala dos comportamentos e estabelecimentos da noite curitibana e como eles mudam com o contexto e o passar dos anos.

A decadência dos cassinos; os bares que constantemente surgem e fecham (se espalhando para regiões além da Rua XV, na qual

---

7 LACERDA, 1991, p. 22

8 *Ibid.*, p. 30

os mais tradicionais se concentravam); a passagem do samba ao punk; a violência na boemia; a ditadura e liberdade sexual são alguns dos tópicos que pautam o ensaio. A constante é a visão de uma cidade que se transforma junto com seus habitantes e que, ao mesmo tempo que avança, também regride.

Anos 90. As pessoas assumem cada vez mais um comportamento descontraído. Mas a Aids dá um breque na liberdade sexual. Isso se reflete na noite. A televisão não só conquistou a cabeça da sociedade, como a mantém sob cativo. Já caiu o Muro de Berlim. Bebe-se vodca, mas não existe mais a União Soviética. Cada vez mais fecham os bares tradicionais. Aumenta a periferia que empobrece. As famílias já não vêem vitrines na noite. No entanto, ele subsiste em outros locais. Sim, a televisão venceu finalmente, os domingos são cada vez mais solitários. (MARINS, 1992, p. 38)

O fio condutor que une todas as narrativas sobre Curitiba e seus habitantes apresentadas aqui é o olhar estrangeiro. Curitiba foi e continua sendo uma cidade de estrangeiros, mas não por uma escassez de curitibanos nascidos e criados por essas terras. Na verdade, esse fenômeno não é nem exclusividade da capital

paranaense, a pós-cidade por definição é feita de estrangeiros.

Dentro de um mesmo corpo urbano habitam diferentes cidades, diferentes camadas e formas de viver, de experimentar esse ambiente. Somos estrangeiros na vida uns dos outros, não há o contato necessário para o reconhecimento de que fazemos parte de um mesmo organismo.

A cidade do catador de papel e do empresário de multinacional é diferente. Um é estrangeiro no mundo do outro. São esses descompassos e contradições que tornam a cidade uma eterna fonte de possibilidades, ela não é uma experiência única e fechada – é ampla, imprevisível. Mesmo que aos pedaços, a cidade ainda pode ser o lugar do inesperado.

